

O ano de 2020 foi marcado pelo choque da pandemia COVID-19. O surto do novo corona-vírus (COVID-19), com origem na China no final de 2019, disseminou-se rapidamente e gerou uma crise de saúde pública a nível global. A 11 de Março a Organização Mundial de Saúde declarou a COVID-19 como pandemia no mundo.

Quadro I.2.1 • PIB mundial | Taxa de variação anual, em percentagem

	2016	2017	2018	2019	2020
Economia mundial	3,3	3,8	3,6	2,8	-3,3
Economias avançadas	1,8	2,5	2,3	1,6	-4,7
EUA	1,7	2,3	3,0	2,2	-3,5
Japão	0,7	1,7	0,6	0,3	-4,9
Área do euro	1,8	2,7	1,9	1,3	-6,7
Alemanha	2,1	2,9	1,3	0,6	-5,3
França	1,0	2,4	1,8	1,5	-8,2
Itália	1,4	1,7	0,8	0,3	-8,9
Espanha	3,0	3,0	2,4	2,0	-10,8
Reino Unido	1,7	1,7	1,3	1,4	-9,8
Economias de mercado emergentes e em desenvolvimento	4,5	4,8	4,5	3,6	-2,2
Países europeus emergentes e em desenvolvimento	1,9	4,1	3,4	2,4	-2,0
Rússia	0,2	1,8	2,8	2,0	-3,1
Países asiáticos emergentes e em desenvolvimento	6,8	6,6	6,4	5,3	-1,0
China	6,9	6,9	6,7	5,8	2,3
Índia	8,3	6,8	6,5	4,0	-8,0
América Latina e Caraíbas	-0,6	1,3	1,2	0,2	-7,0
Brasil	-3,3	1,3	1,8	1,4	-4,1
Médio Oriente e Ásia Central	4,7	2,5	2,0	1,4	-2,9
África Subsariana	1,5	3,1	3,2	3,2	-1,9

Fontes: Eurostat, FMI e Refinitiv.

A actividade económica mundial sofreu uma contração forte e síncrona provocada pela pandemia COVID-19, uma queda sem precedentes desde a Segunda Guerra Mundial.

A resposta das políticas económicas na generalidade dos países mitigou os efeitos do choque pandémico.

As decisões das autoridades monetárias e de supervisão evitaram colapsos nos mercados financeiros e facilitaram a provisão de crédito à economia.

A Reserva Federal dos Estados Unidos, (FED), conclui logo após o verão a revisão da sua estratégia de política monetária, iniciada em Novembro de 2018. Fundamentalmente o objectivo é contrariar o deficit de emprego a partir do seu nível máximo, e alcançar uma taxa de inflação média de cerca de 2%. O caminho poderá implicar períodos de inflação ligeiramente mais elevada, após períodos de inflação abaixo do objectivo traçado. Este mecanismo revelou-se positivo a curto médio prazo para todos os activos financeiros, significando que a FED estaria menos inclinada a actuar prematuramente em caso de subidas de taxa de inflação. Já em Setembro de 2020 a FED anunciou que não espera quaisquer aumentos nas taxas de juro até final de 2023. Durante todo o ano a Reserva Federal foi anunciando consistentemente a sua relutância em introduzir taxas de juro negativas na economia, o que colocou um mínimo nas taxas de juro nominais de longo prazo do governo americano.

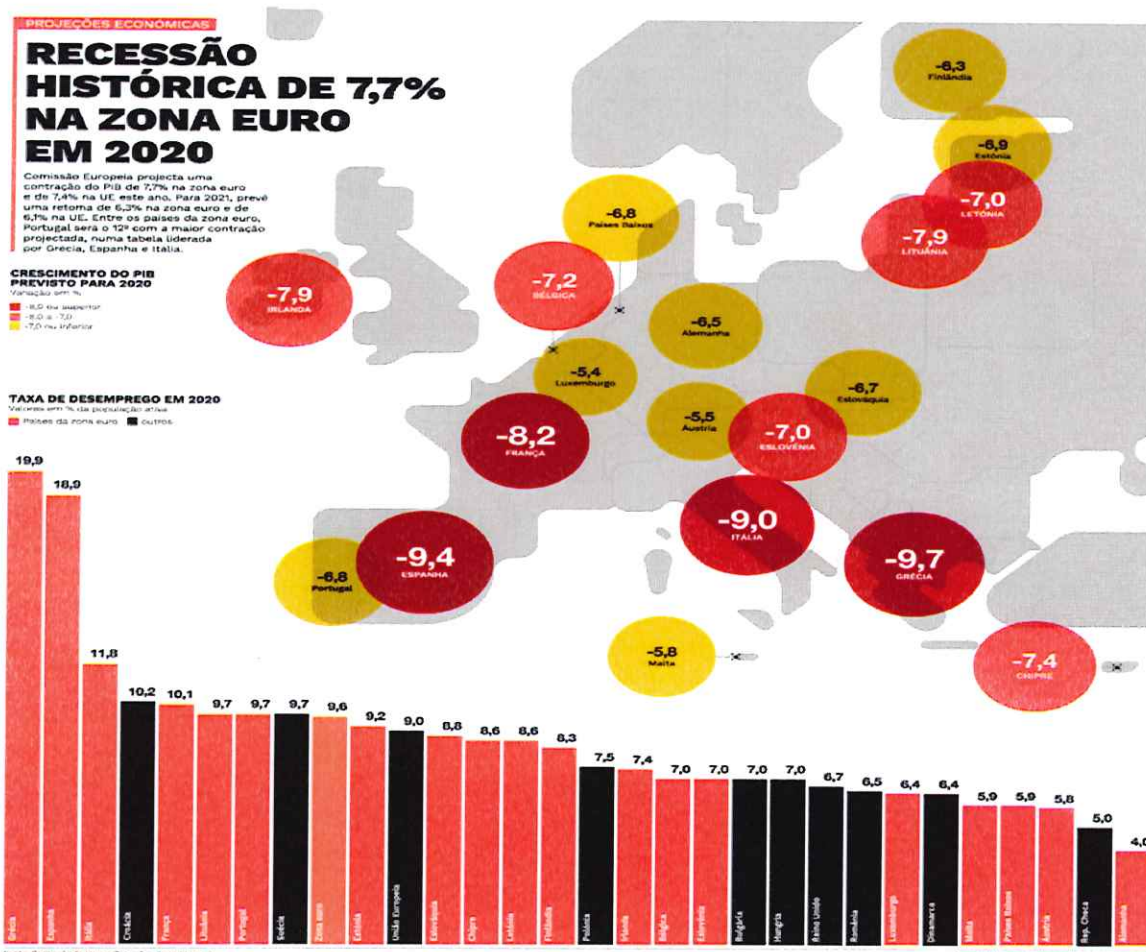
O Banco Central Europeu, (BCE), manteve negativa a taxa de política, aumentou e flexibilizou as suas compras de activos e forneceu liquidez em condições muito atrativas ao sistema bancário.

As medidas de política orçamental, nacionais e supranacionais, asseguraram o funcionamento dos sistemas de saúde e salvaguardaram a capacidade produtiva e o rendimento das famílias.

A actividade mundial registou uma contração sem precedentes na primeira metade de 2020 e recuperou no segundo semestre. As economias foram afectadas de forma diferenciada, em parte refletindo a evolução da pandemia e a severidade das medidas de contenção associadas. Enquanto a economia Chinesa foi afectada logo

no início do ano e iniciou a recuperação no segundo trimestre, nos restantes países o choque teve maior impacto a partir de Março. A segunda metade do ano foi caracterizada pela recuperação.

A crise pandémica teve um impacto negativo nos mercados de trabalho das principais economias avançadas, cuja natureza e magnitude refletiu as medidas de apoio adoptadas. Nos EUA as medidas de apoio reforçaram a protecção social no desemprego, mantendo a flexibilidade do emprego, na zona euro foram adoptadas sobretudo medidas de apoio à manutenção dos postos de trabalho. Em consequência, o emprego caiu menos e o número de horas por trabalhador caiu mais na área do euro do que nos EUA. As horas trabalhadas diminuíram 8% e o emprego contraiu 1,6% na zona euro, sendo os valores para os EUA 5,4% e 6,2%, respectivamente.



Na área do euro a actividade reduziu-se 6,8% em 2020. Após as quedas do PIB nos dois primeiros trimestres 3,8% e 11,6% respectivamente, a economia recuperou no terceiro trimestre 12,5% e registou uma nova quebra no quarto trimestre 0,7%. No final de 2020 o PIB situava-se cerca de 5% abaixo do nível pré-pandemia. O consumo privado registou uma redução inédita e superior à do PIB 8%. O impacto da pandemia foi diferenciado entre países da zona euro, refletindo diferenças na exposição aos sectores mais afectados pelo distanciamento social, na intensidade da crise pandémica e nas medidas de apoio adoptadas. A retracção da actividade em Espanha, Itália e França foi mais pronunciada do que na Alemanha, variações médias anuais de -10,8%, -8,9%, -8,2% e -5,3%.

O comércio mundial registou uma queda de 8,5% em 2020, mas aquém da observada na crise financeira global 10,4%. No primeiro semestre, o comércio foi afectado pela quebra na procura global e por perturbações nas cadeias de produção e de abastecimento entre diferentes países. A recuperação no segundo semestre reflectiu a composição da retoma da actividade, mais rápida na indústria. No final do ano, o comércio mundial de bens

encontrava-se já acima dos níveis do final de 2019. O comércio de serviços foi particularmente afectado, em especial devido ao colapso do turismo.

A dispersão sectorial no crescimento do PIB aumenta frequentemente em períodos de recessão, com indústrias que fornecem bens de investimento ou bens de consumo discricionários a sofrer contrações mais acentuadas. Este padrão já se verificou no passado, com a Crise Financeira de 2007-2009, que provocou uma grande redistribuição da actividade económica, todavia, a dispersão sectorial das taxas de crescimento no primeiro semestre de 2020 foi substancialmente maior e muito mais homogénea entre países. No que diz respeito às famílias, por exemplo, os receios persistentes de desemprego têm sido acompanhados por um aumento da poupança. O sector do retalho foi uma clara vítima desta menor procura. Os sectores ligados ao Turismo, geralmente considerados seguros e resistentes, foram os que mais sofreram nesta última recessão, e recuperaram mais lentamente porque as empresas continuam a enfrentar restrições constantes, refletindo restrições regulamentares e mudanças de comportamento por parte dos consumidores. O resultado desta incerteza em diferentes sectores implica que as economias ainda necessitam de amplos estímulos monetários que apoiem a tesouraria e as condições de crédito das empresas, independentemente da qualidade de crédito destas. As emissões de obrigações de empresas com qualidade creditícia superior foram incluídas nas compras dos bancos centrais desde o início desta recessão económica, e esta decisão fez uma enorme diferença quando comparado com a gestão das anteriores crises económicas.

Quadro I.2.2 • Procura externa de bens e serviços dirigida à economia portuguesa | Taxa de variação anual, em percentagem

	Pesos ^(c)	2016	2017	2018	2019	2020
Procura externa de bens e serviços (BCE) ^(a)	100	2,9	4,8	4,0	1,6	-12,3
Procura externa intra-área do euro	57,7	3,4	5,8	3,7	2,3	-12,2
Importações:						
Espanha	19,7	2,6	6,8	4,2	0,7	-15,8
França	12,7	3,0	4,7	3,1	2,6	-11,5
Alemanha	10,9	4,4	5,8	3,8	2,6	-9,0
Itália	3,3	4,1	6,6	2,8	-0,5	-13,1
Procura externa extra-área do euro	42,3	2,4	3,4	4,4	0,8	-12,4
Importações:						
Reino Unido	9,4	3,9	2,6	2,7	2,7	-17,8
Estados Unidos	6,0	1,7	4,7	4,1	1,1	-9,3
China	2,6	-10,4	7,2	7,0	1,1	-13,8
Brasil	1,8	4,0	6,7	6,1	-1,6	-1,8
Procura externa de bens (CPB) ^{(a) (b)}		2,5	3,4	1,6	0,1	-9,2
Comércio mundial de bens e serviços (FMI)		2,3	5,6	3,9	0,9	-8,5
Importações mundiais de bens (CPB)		1,6	5,2	3,9	-0,3	-5,5

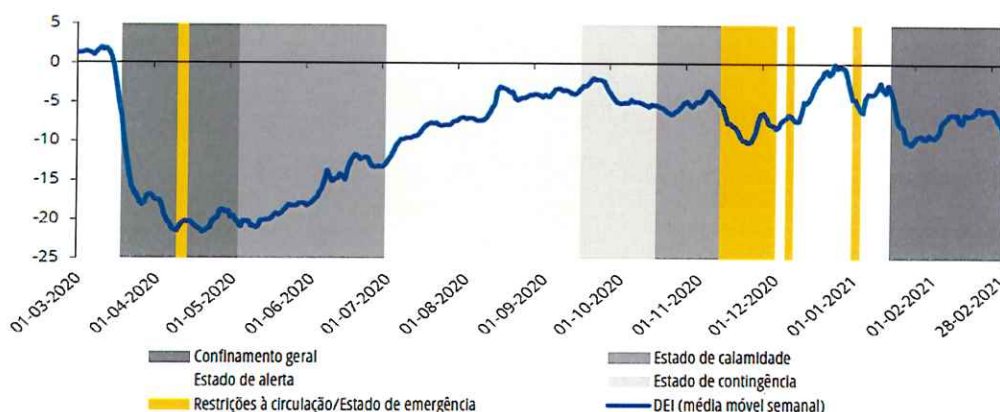
Fontes: BCE, CPB Netherlands Bureau for Economic Analysis, FMI e Refinitiv (cálculos do Banco de Portugal). | Notas: (a) A procura externa dirigida aos exportadores portugueses é calculada como uma média ponderada do crescimento em volume das importações dos principais parceiros comerciais de Portugal (de bens e serviços no caso do BCE e de bens no caso do CPB). Cada país/região é ponderado de acordo com o seu peso nas exportações de Portugal. (b) Consideraram-se os países disponíveis na base de dados do CPB, que representavam cerca de 90% das exportações portuguesas em 2020. (c) Pesos médios referentes ao período 2016-18.

A procura externa de bens e serviços dirigida à economia portuguesa reduziu-se 12,3% em 2020. As importações de Espanha e do Reino Unido parceiros comerciais com o maior relevo nas exportações portuguesas, reduziram-se 15,8% e 17,8%, respectivamente. No final de 2020, o Reino Unido e a EU finalizaram o Acordo de Comércio e Cooperação, o qual deverá minorar o impacto do Brexit nas relações comerciais entre Reino Unido e Portugal.

Em Portugal, após sete anos de crescimento consecutivo, as estimativas oficiais apontam para 2020 uma queda da actividade de 7,6%, superior à queda de 6,8% na área euro, refletindo sobretudo uma maior exposição ao turismo.

A evolução anual teve um perfil intra-anual muito marcado, condicionado pela evolução da pandemia e das medidas de confinamento.

Gráfico I.1.1 • Indicador diário de atividade económica (DEI) | Taxa de variação homóloga em percentagem



A evolução da economia portuguesa foi fortemente condicionada pela pandemia COVID-19 e pela adoção de medidas de contenção. O PIB caiu 7,6% face a 2019, numa magnitude superior à estimada para a área euro - 6,8%. De forma generalizada, a evolução dos agregados macroeconómicos em 2020 foi marcada por perturbações na procura e na oferta. Na óptica da despesa, a quebra de actividade económica deveu-se essencialmente ao comportamento das exportações -18,6%, em particular de serviços, e do consumo privado - 5,9%.

Quadro I.5.1 • PIB e principais componentes da despesa | Taxa de variação homóloga em percentagem, salvo indicação em contrário

	% PIB em 2019	Taxa de variação anual			Taxa de variação homóloga				
		2018	2019	2020	2019 T4	2020 T1	2020 T2	2020 T3	2020 T4
PIB	100,0	2,8	2,5	-7,6	2,6	-2,2	-16,4	-5,6	-6,1
Procura Interna	99,6	3,2	2,8	-4,6	1,2	-0,7	-11,9	-3,5	-2,6
Consumo privado	63,8	2,6	2,6	-5,9	2,5	-0,4	-14,4	-4,0	-4,7
Consumo público	16,8	0,6	0,7	0,4	1,7	0,1	-4,0	2,7	2,8
Investimento	18,9	7,8	5,4	-4,9	-3,6	-2,4	-10,0	-7,1	0,1
FBCF	18,2	6,2	5,4	-1,9	2,6	-0,3	-8,5	0,7	0,3
Variação de existências ^(a)	0,8	0,3	0,0	-0,6	-1,1	-0,4	-0,3	-1,5	0,0
Exportações	43,5	4,1	3,9	-18,6	6,7	-5,3	-39,2	-16,0	-14,4
Importações	43,2	5,0	4,7	-12,0	3,4	-1,8	-29,1	-11,1	-6,5
Contributo da procura interna líquida de importações ^(b)		1,8	1,6	-2,3	1,2	-0,4	-6,5	-0,9	-1,5
Contributo das exportações líquidas de importações ^(b)		1,1	0,9	-5,2	1,4	-1,8	-9,9	-4,7	-4,6
<i>Por memória:</i>									
PIB – Área do euro		1,9	1,3	-6,8	1,0	-3,3	-14,6	-4,2	-4,9
Taxa de variação em cadeia do PIB:									
Portugal					0,7	-4,0	-14,0	13,4	0,2
Área do euro					0,1	-3,8	-11,6	12,5	-0,7

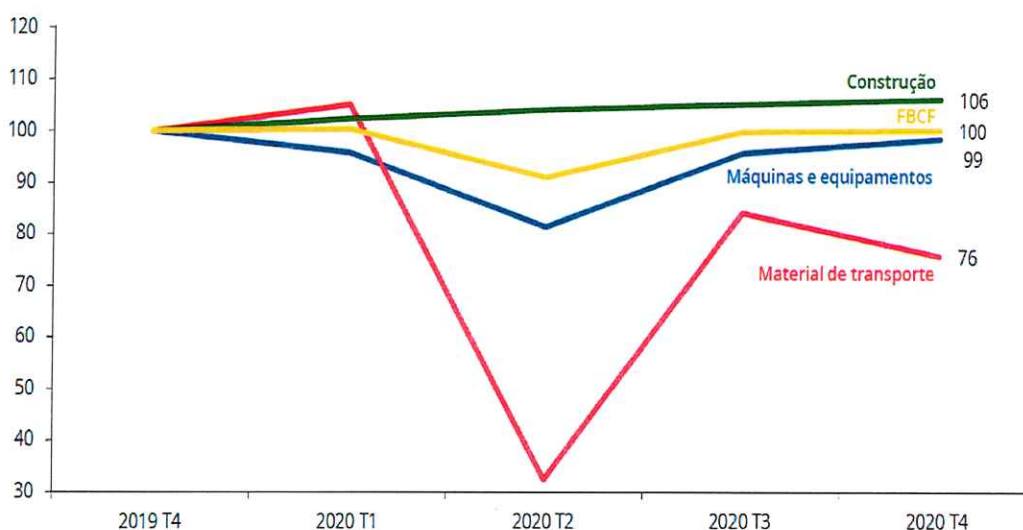
Fontes: Eurostat e INE (cálculos do Banco de Portugal). | Notas: (a) Inclui aquisições líquidas de cessões de objetos de valor (ACOV) e está expresso em contributos para a taxa de variação real do PIB, em pontos percentuais; (b) Contributos para a taxa de variação real do PIB líquidos de importações, em pontos percentuais. Os agregados da procura em termos líquidos de importações são obtidos deduzindo uma estimativa das importações necessárias para satisfazer cada componente. O cálculo dos conteúdos importados foi feito com base em informação relativa ao ano de 2017. Para mais informações sobre a metodologia, ver Caixa 4 "Atualização dos conteúdos importados da procura global para a economia portuguesa", do *Boletim Económico* de março de 2019.

O perfil trimestral da actividade económica foi marcado. Depois de quedas em cadeia no primeiro e segundo trimestres de 4% e 14%, a economia recuperou de forma acentuada, crescendo 13,4% no terceiro trimestre. No último trimestre do ano, a recuperação foi praticamente interrompida, taxa de variação em cadeia de 0,2%. No final do ano, a actividade económica situava-se cerca de 6% abaixo do nível pré-pandemia. A procura interna recuperou quase totalmente, situando-se 2% abaixo do valor final de 2019, ao contrário das exportações que, no final do ano, mantinham um valor de 18% inferior.

A crise caracterizou-se por um aumento marcado na poupança dos particulares para 12,8% do rendimento disponível, um máximo desde 2002. Este aumento foi muito superior ao verificado nas últimas duas crises e revela um comportamento de precaução das famílias.

Em resposta à crise, a despesa líquida em bens e serviços acelerou devido ao aumento da despesa em saúde e da redução da receita da venda de bens e serviços.

Gráfico I.5.4 • FBCF e principais componentes | Índice, 2019 T4 = 100



Fonte: INE.

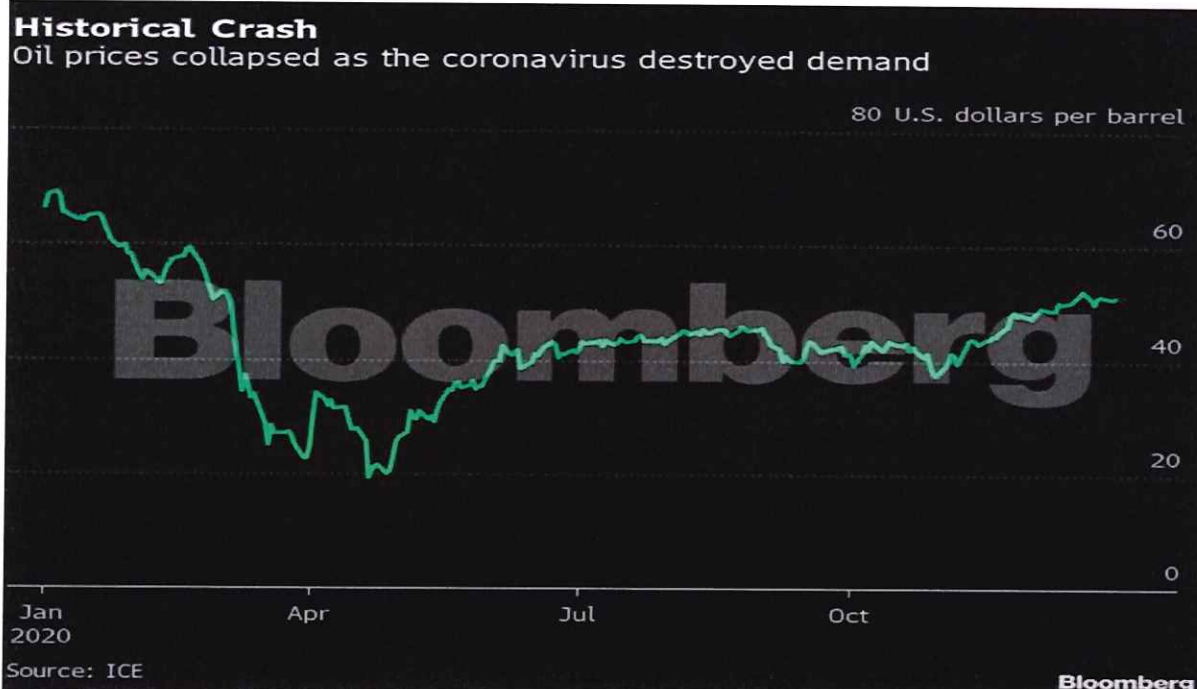
Ao contrário das recessões anteriores, o investimento, Formação Bruta de Capital Fixo reduziu-se menos do que o PIB 1,9%, sendo de assinalar a resiliência do sector da construção. Este é um facto de assinalar para a crise actual, em que Portugal se destaca do conjunto da zona euro, que deverá ser considerado na análise do processo de recuperação. O peso da FBCF no PIB, aumentou para 18,8%, 17,7% em 2019. A FBCF em construção aumentou 4,7%, 7,2% em 2019. Para além das medidas de contenção não terem imposto a suspensão de obras, o dinamismo da construção é explicado pelo fluxo de novos projectos, em particular no imobiliário residencial e em grandes obras de infraestruturas. A procura nacional e internacional na componente residencial permaneceu sustentada. Os novos empréstimos para aquisição de habitação aumentaram, e o investimento directo estrangeiro imobiliário manteve um crescimento elevado 8,25, face a 10% em 2019. A componente de construção não residencial permaneceu dinâmica, suportada por grandes obras públicas em curso e pela evolução dos concursos promovidos e contratos celebrados. Os fluxos comerciais com o exterior reduziram-se fortemente. O Valor Acrescentado Bruto, VAB, caiu 6,4%, com impactos diferenciados nos diversos sectores de actividade. Os subsectores de serviços mais dependentes de contacto pessoal foram os mais afectados.

Quadro I.5.2 • VAB total e subsectores

	% VAB em 2019	Taxa de variação anual			Taxa de variação homóloga					
		2018	2019	2020	2019 T4	2020 T1	2020 T2	2020 T3	2020 T4	
VAB	100,0	2,7	2,4	-6,4	2,2	-2,2	-14,9	-4,6	-4,0	
Agricultura, silvicultura e pesca	2,4	-1,1	3,4	-9,0	1,5	-5,4	-9,1	-10,9	-10,8	
Indústria (exceto construção)	17,5	4,5	-0,8	-7,6	-1,7	-4,3	-20,9	-3,1	-2,3	
Construção	4,3	3,6	5,1	3,2	3,0	0,5	3,9	4,1	4,5	
Serviços	75,8	2,3	3,0	-6,6	3,2	-1,7	-14,7	-5,2	-4,7	
Comércio, alojamento e restauração	19,6	2,5	4,6	-12,7	4,5	-4,4	-26,0	-9,6	-10,6	
Transportes e armazenagem	4,9	3,1	5,1	-12,5	4,4	-4,2	-30,4	-8,5	-6,9	
Atividades de informação e comunicação	3,6	5,2	5,5	3,9	4,3	3,1	0,5	5,2	6,7	
Atividades financeiras	4,9	2,0	1,1	-2,1	1,6	-0,7	-2,4	-2,9	-2,6	
Atividades imobiliárias e alugueres	12,4	0,8	1,1	0,7	1,1	0,9	0,7	0,6	0,6	
Serviços prestados às empresas	8,2	6,6	4,7	-12,8	6,0	-2,3	-26,7	-13,8	-8,4	
Administração pública, educação e saúde	19,2	1,0	1,1	-1,4	1,7	-0,7	-5,6	0,4	0,3	
Artes, entretenimento e cultura	3,0	1,1	3,8	-20,3	3,9	-1,6	-36,4	-23,1	-19,8	
<i>Por memória:</i>										
VAB – Área do euro		1,9	1,3	-6,7	0,9	-2,9	-14,6	-4,3	-5,1	

Fontes: Eurostat e INE. | Nota: As secções da CAE apresentadas são: A (Agricultura, silvicultura e pesca); B-E (Indústria exceto construção); F (Construção); G e I (Comércio, alojamento e restauração); H (Transportes e armazenagem); J (Atividades de informação e comunicação); K (Atividades financeiras); L (Atividades imobiliárias e alugueres); M e N (Serviços prestados às empresas); O-Q (Administração pública, educação e saúde); R-U (Artes, entretenimento e cultura).

As medidas de salvaguarda do emprego contribuíram para conter a sua redução em 2%, menos de um terço da queda de 6,4% do VAB. No entanto, observou-se uma diminuição sem precedentes no número de horas efectivamente trabalhadas 9,2%. Das medidas destinadas à preservação do emprego, destaca-se o layoff simplificado, que atingiu cerca de 25% do emprego por conta de outrem. No caso dos trabalhadores por conta própria e trabalho familiar, a queda do emprego e das horas trabalhadas foi superior, em particular nos sectores mais expostos à crise e para os indivíduos mais jovens e com menor escolaridade. Em contraste, aumentou o número de trabalhadores com contrato sem termo, com idade superior a 45 anos e com ensino superior. Dado o aumento da inactividade, a taxa de desemprego subiu apenas 0,3% pp para 6,8%.

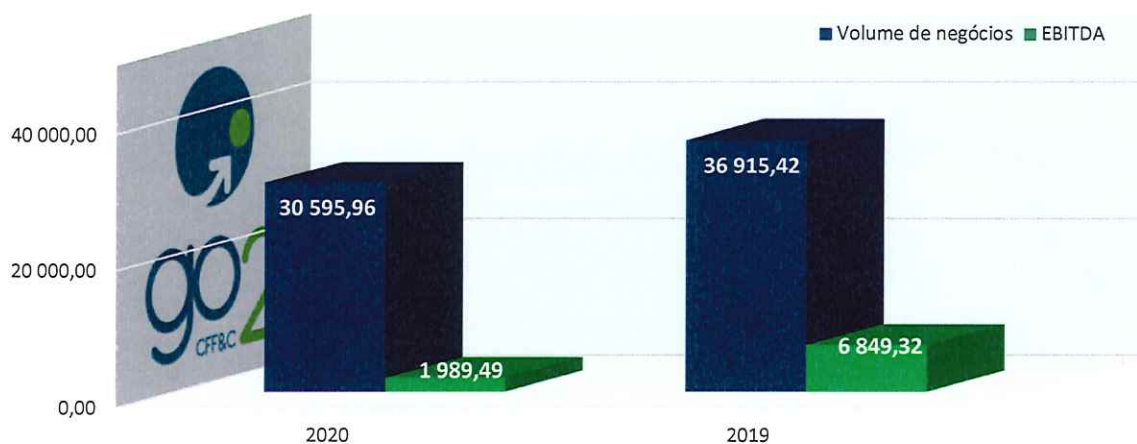


O contexto pandémico foi também marcado pela descida da inflação. A taxa de inflação reduziu-se -0,1%, 0,3% em 2019 refletindo sobretudo a evolução do preço dos bens energéticos e dos serviços. Apenas os preços dos bens alimentares apresentaram um aumento significativo, devido ao aumento da procura, disrupções na oferta e a subida dos preços internacionais destas matérias-primas. A assinalar a descida abrupta do preço do Brent em Abril de 2020 abaixo dos 20 dólares por barril, um mínimo em quase duas décadas, mas no final do ano situou-se em cerca de 50 dólares por barril. Em termos médios anuais, o preço do Brent reduziu-se 34%. Os preços das matérias alimentares e agrícolas aumentaram 8% e 6% respectivamente.

A empresa GO2 CFF & CLDA. viu a pandemia impactar de forma negativa na sua operação, um pouco como todo o resto dos negócios na economia portuguesa.

O volume de negócios do ano de 2020 sofreu uma redução, havendo diminuído 17%. Uma diminuição de € 6.319,46 em valor absoluto.

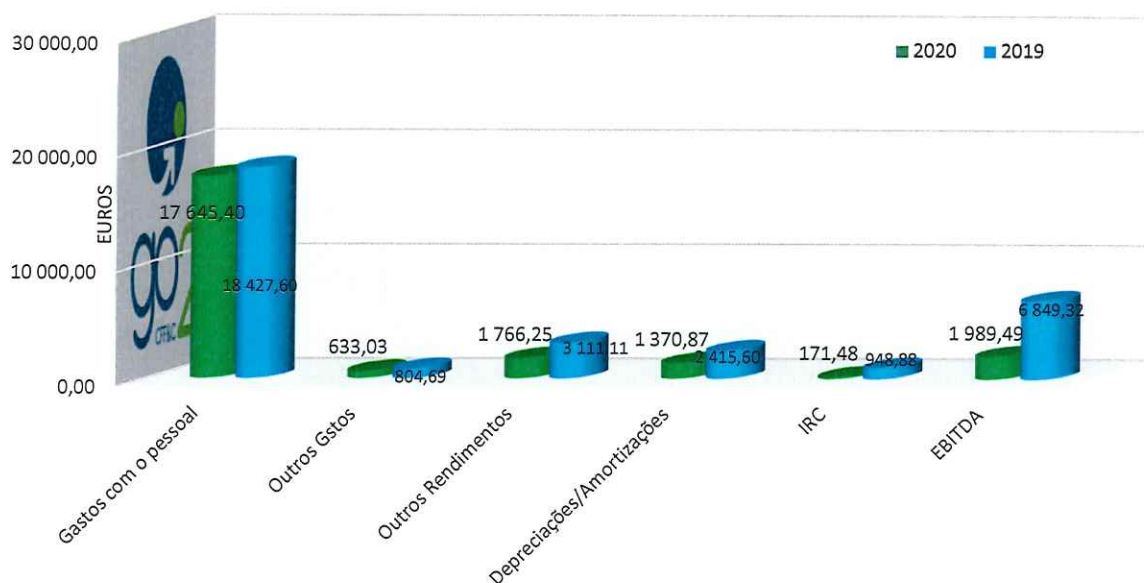
VOLUME NEGÓCIOS / EBITDA



A recessão económica manifestada depois do período de confinamento, entre Março e Junho de 2020, induziu à alguns ajustamentos realizados aos nossos clientes, em todas as unidades de negócios da GO2, na tentativa de mitigar as suas dificuldades financeiras.

A estrutura de gastos da empresa representava em 2019, (excluindo depreciações, e impostos), quase 92% do volume de negócios. Em 2020 esta grandeza eleva-se para passar a representar 99% do volume de negócios do ano.

INDICADORES DE DESEMPENHO



Durante o ano de 2020 não existiram quaisquer investimentos em activos fixos tangíveis, para além dos que se encontram em curso, com data prevista de conclusão já em meados do ano 2021.

Por outro lado, os activos fixos tangíveis de anos anteriores continuavam a gerar meios financeiros.

Mesmo assim, e num ano onde a incerteza foi generalizada a nível do globo, a GO2 conseguiu apresentar um EBITDA positivo na ordem dos 3 dígitos, embora tenha descido cerca de 71% face a 2019.

Em suma, num contexto económico extraordinariamente adverso a GO2 apresentou um resultado líquido positivo de € 447,14.

A posição financeira da sociedade após o resultado positivo de 2020 conhece algumas melhorias.

ACTIVO	2020	2019
Activo Corrente		
Clientes	864,22	1 165,21
Estado e outros entes públicos	1 256,00	2 044,74
Diferimentos	32,92	0,00
Outros investimentos financeiros	31 304,59	17 852,59
Caixa e depósitos bancários	249,03	5 791,27
Total do Activo Corrente	33 706,76	26 853,81

CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO	2020	20219
Capital Próprio		
Capital Realizado	5 000,00	5 000,00
Reservas Legais	1 000,00	1 000,00
Resultados transitados	7 622,43	4 137,59
Resultado líquido do período	447,14	3 484,84
Total do capital próprio	14 069,57	13 622,43
Passivo		
Passivo corrente		
Fornecedores	250,76	1 513,09
Accionistas	31 766,12	21 350,00
Estado e outros entes públicos	1 714,68	2 659,84
Outras contas a pagar	7 829,94	7 826,70
Total do passivo	41 561,50	33 349,63
Total do capital próprio e do passivo	55 631,07	46 972,06

O activo corrente eleva-se cerca de 25%, muito pela via de investimentos financeiros. Esta rubrica multiplica-se por 1,75 face a 2019.

Por outro lado, estes investimentos impactaram positivamente nos resultados, ainda que a performance face a 2019 tenha descido cerca de 43%.

Ainda que, no global o total do passivo se tenha elevado, cerca de 25%, esta rubrica cresceu na proporção dos activos correntes, rubrica investimento financeiros, pois estão correlacionados.

Não obstante, as responsabilidades com fornecedores, e estado, desceram cerca de 53% face a 2019, representando este o real passivo de curto prazo.

Também a rubrica de capitais próprios se fortalece no ano, pelo reforço da aplicação dos resultados de 2019.

Face ao exposto a administração da sociedade aplicará os resultados positivos de 2020, € 447,14, na rubrica de resultados transitados.

Antes de terminarmos, resta-nos agradecer aos nossos clientes, pois são desde o início da actividade a nossa inspiração, na tentativa continua de apresentação de soluções, e melhorar o impacto dessas nas suas operações..

Aos nossos fornecedores, agradecemos, e enviamos uma palavra de apreço, pela forma incansável que nos apresentam as melhores soluções, aos melhores preços, pelo que fazemos votos de força, e paciência, para atravessar o enorme desafio que o ano 2021 nos continua a colocar, a superação da pandemia COVID-19.



A Administração
31-03-2021



Gestão Ótima da Contabilidade Fiscalidade Finanças e Condomínios Lda.
NIF: 509 698 492

Demonstração (Individual/Consolidada) dos Resultados por Naturezas

Período Findo: 31 de Dezembro de 2020

Unidade monetária: euros €

Rendimentos e Gastos	Notas	Períodos	
		2020	2019
Vendas e serviços prestados		30 595,96	36 915,42
Fornecimentos e serviços externos		-12 094,29	-13 944,92
Gastos com o pessoal		-17 645,40	-18 427,60
Outros gastos e perdas		-633,03	-804,69
Outros Rendimentos e Ganhos		1 766,25	3 111,11
Resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos		1 989,49	6 849,32
Gastos/reversões de depreciação e de amortização		-1 370,87	-2 415,60
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)		618,62	4 433,72
Juros e gastos similares suportados		0,00	0,00
Resultado antes de impostos		618,62	4 433,72
Impostos sobre o rendimento do período		-171,48	-948,88
Resultado líquido do período		447,14	3 484,84


A Gerência


TOC: 45 686

Data: 31/12/2020




Gestão Ótima da Contabilidade Fiscalidade Finanças e Condomínios Lda.
NIF: 509 698 492

Balço (Individual ou Consolidado) em 31 de Dezembro de 2020

Unidade: € Euros

RUBRICAS	Notas	Datas	
		2020	2019
ACTIVO			
Activo não corrente			
Activos fixos tangíveis		762,24	2 133,11
Activos intangíveis		0,00	0,00
Activos em curso		21 162,07	17 985,14
		<u>21 924,31</u>	<u>20 118,25</u>
Activo Corrente			
Clientes		864,22	1 165,21
Estado e outros entes públicos		1 256,00	2 044,74
Diferimentos		32,92	0,00
Outros investimentos financeiros		31 304,59	17 852,59
Caixa e depósitos bancários		249,03	5 791,27
		<u>33 706,76</u>	<u>26 853,81</u>
Total do Activo		<u>55 631,07</u>	<u>46 972,06</u>
CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO			
Capital Próprio			
Capital Realizado		5 000,00	5 000,00
Reservas Legais		1 000,00	1 000,00
Resultados transitados		7 622,43	4 137,59
Resultado líquido do período		447,14	3 484,84
Total do capital próprio		<u>14 069,57</u>	<u>13 622,43</u>
Passivo			
Passivo não corrente			
Passivo corrente			
Accionistas		31 766,12	21 350,00
Fornecedores		250,76	1 513,09
Estado e outros entes públicos		1 714,68	2 659,84
Outras contas a pagar		7 829,94	7 826,70
Total do passivo		<u>41 561,50</u>	<u>33 349,63</u>
Total do capital próprio e do passivo		<u>55 631,07</u>	<u>46 972,06</u>


A Gerência


TOC: 45 686

Data: 31/12/2020